

## **PADRÕES DE GÊNERO INDICADOS NO LIVRO DIDÁTICO: PRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS**

Adriana Aparecida Sartori STARKE<sup>1</sup>

Elaine Vaz RIBEIRO<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Ms. Kelly Cristina Ducatti-Silva  
(Orientadora-UEPG)

Prof<sup>a</sup> Ms. Renata de Almeida Vieira  
(Orientadora-UEPG)

**Resumo:** Nosso objetivo é convidar professores em formação e em atividade ao exercício reflexivo acerca da discriminação de gênero estabelecida pela sociedade e reproduzida, sutilmente, pelo livro didático. Para sensibilizá-los sobre a necessidade de buscar a igualdade de gênero no ambiente escolar, escolhemos para análise um livro de Língua Portuguesa. Com a análise empreendida, buscamos verificar se o livro adotado favorece, ou não, a reprodução da identidade de gênero considerada socialmente como modelo hegemônico. Para tanto, problematizamos: como o livro didático apresenta o tema gênero? Como apresenta as características de menino e de menina? Detectamos, com o estudo, que o ambiente escolar tem privilegiado um modelo de aluno correspondente ao padrão, veiculando o ser menino e ser menina com características de gênero compatíveis àquilo que é valorizado socialmente, contribuindo para estereótipos que sustentam mecanismos de exclusão e desigualdade, tanto na escola, quanto fora dela.

**Palavras-chave:** gênero; livro didático, estereótipos.

### **A Questão de Gênero: fato histórico**

Historicamente a mulher foi considerada inferior ao ser comparada ao homem. A desigualdade entre o gênero masculino e feminino é uma situação que perdura a séculos, justificando a diferença de tratamento dado aos homens e às mulheres na sociedade. Desde a antiguidade a mulher enfrentou discriminações, sua vida limitava-se aos afazeres

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia UEPG  
Email: adrianasartoristarke@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica de Pedagogia UEPG  
Email: elainevaz@gmail.com

domésticos. Era tratada como um ser inferior aos homens que somente tinha utilidade para a procriação, mas aos poucos a mulher foi conseguindo ocupar o seu espaço para melhores condições de vida; conquistou o direito à educação, ao voto, ao ingresso ao mercado de trabalho, etc.

Neste sentido, nos voltamos para a tentativa de compreensão dos aspectos de como se organiza a construção da identidade de gênero, levando em conta os papéis sociais atribuídos aos gêneros compatíveis com o que é valorizado pela sociedade.

O convívio em sociedade nos induz ao desenvolvimento de características comuns sustentadas por costumes, valores e tradições aceitas no grupo. Podemos dizer que estes aspectos interferem na homogeneidade cultural de uma dada sociedade.

Pelo fato de assimilarmos os padrões estabelecidos pelo processo de socialização, comumente somos levados a considerar as maneiras de proceder dos grupos aos quais pertencemos como sendo os melhores, as mais corretas, desmerecendo tudo que nos são diferentes.

Vejamus um exemplo disso: desde muito pequenos somos criados com idéias de gênero padrões ditados pela sociedade. Basta lembrar, que se nascermos meninas, somos presenteadas com bonecas e fazem parte de nossas vestimentas os vestidinhos e sapatos enfeitados, fitas e acessórios nos cabelos, tudo muito delicado na cor rosa ou tons claros. Este conjunto de características configura um modo hegemônico de feminilidade, pois simbolizam as características que devem estar presentes na mulher, como delicadeza, fragilidade, meiguice.

Em relação aos meninos, tudo muda de figura, desde cedo são presenteados com carrinhos, pois o carro simboliza a civilidade, poder, status social, as roupas são confortáveis para facilitar a locomoção, pois precisam conhecer e dominar espaços.

Assim, as mensagens dominantes sobre o comportamento adequado dos meninos e meninas nos são repassadas, crescemos com as convicções expectativas sociais e culturais a respeito de gênero e sexualidade que nos são transmitidas socialmente.

Quando essas expectativas não correspondidas, geram conflitos e violências de toda ordem. Basta lembrar que os preconceitos e estereótipos socialmente construídos na sociedade em torno do gênero feminino e masculino, foram capazes de gerar exploração, discriminação, abortos, violências sexuais, doenças, etc.

O movimento feminista nos prova que há tempos as mulheres estão lutando contra os abusos e preconceitos sociais sobre as relações de gênero, mulheres que descobriram que são importantes para a sociedade, que são tão capazes quanto os homens, portanto querem ter o direito de conquistar seu espaço com direitos e deveres iguais aos dos homens.

Movimento este que se intensifica na década de 60 do século XX, trazendo denúncias contra a exploração das condições do trabalho exercido por mulheres, criando-se teorias quanto ao controle sobre o corpo e a sexualidade feminina, sobre a violência cometida contra as mulheres, sobre as condições de vida, de estudo e profissionalização das mulheres (BUENO, 2006).

Segundo a teorização feminista, há uma profunda desigualdade dividindo homens e mulheres, com os primeiros apropriando-se de uma parte gigantesca desproporcional dos recursos materiais e simbólicos da sociedade. Esta repartição desigual estende-se obviamente, à educação e ao currículo (SILVA, 2007, p.92).

Embora o movimento feminista tenha chamado atenção da sociedade para a questão da desigualdade de gênero, este problema, ainda hoje, atinge todos os segmentos da sociedade, inclusive da educação.

Pesquisas apontam que a desigualdade está presente no acesso da mulher ao mercado de trabalho e, principalmente, na valorização do seu trabalho. Hoje, as mulheres ainda permanecem ganhando, de um modo geral, menos que os homens, os cargos de chefias são na maior parte ocupados pelo sexo masculino, desde a fase de formação, os cursos universitários em destaque na sociedade, tais como, direito, medicina, informática, são compostos pela maior parte masculina. Geralmente, para a mulher conseguir um cargo de destaque na sociedade, além de ter boa qualificação ainda lhes é exigida boa aparência e de preferência precisa ser jovem.

O fato da maioria das mulheres brasileiras casarem-se jovens, antes de concluírem os estudos ou ingressarem no mercado de trabalho, é o estereótipo de uma sociedade com resquícios do pensamento machista. Tal pensamento anuncia a mulher como frágil, sensível e fraca e por este motivo deve ser submissa ao homem que a protege e a sustente, portanto é melhor ter um marido do que não tê-lo. As mulheres que reagem ao pensamento machista e optam por ser independente, apostam e investem na carreira profissional, conseqüentemente, abrem mão da maternidade, sofrem com preconceito e estereótipos do tipo: “solteirona”, “ficou para titia”, sem contar que são alvos constantes de piadinhas em



relação a sua opção sexual. As diferenças no tratamento em relação ao gênero demonstram claramente que o preconceito do passado deixou ranços que persistem ainda hoje em nossa sociedade em pleno século XXI.

Neste sentido, deve-se ter em mente que as discussões sobre gênero têm como objetivo combater as relações preconceituosas e os padrões pré-estabelecidos socialmente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade.

### **Mecanismos para Produção de Gênero no ambiente escolar**

Como vimos, os padrões sociais e as diferenças de gênero são cultivados durante nossas experiências de vida. De modo implícito ou através de mecanismos sutis a sociedade constrói e impõem as diferenças de gênero. Quais são esses mecanismos? Como as diferenças de gênero são construídas?

Eles estão presentes nos conteúdos das disciplinas que compõem o currículo oficial ou estão implícitos na literatura que, nós professoras e professores, selecionamos; nas revistas que colocamos à disposição das e dos estudantes para pesquisa e colagem, nos filmes que trabalhamos na escola, no material pedagógico que indicamos para consumo, na vestimenta que permitimos e naquela que é proibido; nas normas disciplinares que organizam o espaço e o tempo escolar, nas piadas que fazemos ou que ouvimos sem nos manifestar, nas dinâmicas em sala de aula e em outros espaços escolares que não vemos ou decidimos ignorar, nos castigos e nas premiações, nos processos de avaliação. Enfim, são muitos os momentos e os lugares dentro do ambiente escolar que se caracterizam como mecanismo de produção da diferença no tratamento de gênero (FELIPE, 2008).

Por certo, a escola como uma instituição que desempenha um papel importante na construção de identidade de gênero deve estar atenta as formas de reprodução de desigualdade de gênero, estereótipos ou qualquer tipo de preconceito.

Portanto, é muito importante a tarefa dos educadores e educadoras comprometidos com a construção de uma sociedade que se pretende mais justa e igualitária, desvendar os mecanismos que de alguma forma contribuem para a formação das representações das diferenças de gêneros que geram todas as formas de violências e preconceitos.

Assim sendo, de todos os elementos que estão presentes no currículo escolar, escolhemos o livro didático para trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam as discriminações e desigualdades de gênero.

Para dar início ao nosso trabalho, escolhemos um livro de Língua Portuguesa adotado por uma escola pública municipal do estado do Paraná. A escolha pelo referido livro se justifica por termos percebido, no decorrer dos estágios supervisionados no Curso de Pedagogia, ser o livro mais manuseado pelos alunos em seu cotidiano. O livro faz parte de uma coleção chamada Porta aberta da Editora FTD, de autoria de Bragança e Carpaneda (2005).

### O Livro Didático e os Estereótipos Identificados

Na análise do livro, encontramos indícios de que implicitamente, através de imagens, ele reflete atribuições distintas ao gênero masculino e feminino.



**Fonte:** Ilustrações do livro porta Aberta/Alfabetização. (BRAGANÇA, A.D; CARPANEDA, p.168, 198 e 199).

Um exemplo encontra-se na página 29, existe um exercício que solicita que o aluno circule três figuras, cujos nomes terminam com ãO. A imagem é de um menino vestindo bermuda e camiseta, calçando tênis e usando boné, cercado de brinquedos, tais como: bola, caminhão, pião, patinete, avião e uma pipa. Através desse exercício, pudemos perceber que a imagem passa a idéia de que tais brinquedos são destinados ao gênero masculino.

A esse respeito, Kishimoto (1999, p. 7) ressalta que:

Todo ser humano tem seu cotidiano marcado pela heterogeneidade e pela presença de valores hierárquicos que dão sentido às imagens culturais de cada época. Construídas por personagens que fazem parte desse contexto, tais imagens não decorrem de concepções psicológicas de natureza científicas, mas muito mais de informações, valores e preconceitos oriundos da vida cotidiana.

Considerando a marca da heterogeneidade no cotidiano do ser humano: por que não foi apresentada a figura de uma boneca aos meninos? Os meninos irão crescer, terão filhos, serão tios, padrinhos, avôs. Com os diversos papéis a serem desenvolvidos estarão mais próximos das crianças, sejam meninos ou meninas. O fato de não ser apresentada a boneca

aos meninos parece dar continuidade à sociedade machista e reforça os ranços dos séculos passados, nos quais a mulher era fadada ao cuidado dos filhos e à execução dos afazeres domésticos.

Nos estereótipos de gênero construído socialmente surgem preconceitos que se refletem no uso dos brinquedos (KISHIMOTO; ONO, 2008). Assim, no livro analisado, a ideia de que boneca é apenas brinquedo de menina pode ser compreendida nas páginas 140 e 168, que apresentam imagens de meninas brincando com bonecas.

Encontramos na página 44, a figura de um menino com seu cachorro e uma bola de futebol e a frase ao lado: “adoro brincar com bola: queimada, bobinho, futebol. Ela é minha parceira, faça chuva ou faça sol”.

No lugar do cachorro poderia estar uma menina, pois as meninas também apreciam tais brincadeiras, além disso, são ótimas parceiras no futebol.



**Fonte:** (BRAGANÇA, A.D; CARPANEDA, I. 2005, p.44).

Os homens em geral adoram fazer piadinhas sobre a ignorância feminina a respeito das regras do futebol. Como as mulheres poderão entender de futebol se nunca foram estimuladas como os meninos a acompanharem ou participarem do mundo da bola?

Os meninos desde bebês são presenteados com bolas, não precisam nem pedir a camisa do time, pois já está inclusa no enxoval antes mesmo de nascerem. É muito comum em nossa sociedade o pai exibir com orgulho a camisa do time pelo qual o filho será predestinado a torcer, é como se ele estivesse passando a mensagem, “meu filho será fanático por futebol, macho como o pai”, depois vem os álbum de figurinhas da copa, o qual, a princípio, deixa mais feliz o pai do que o filho. As meninas que gostam de futebol precisam implorar para ganhar uma bola ou mesmo para freqüentar um estádio de futebol, lugar este, diga-se de passagem, considerado um santuário masculino.

Infelizmente, ainda está enraizado em nossa sociedade o preconceito que futebol é coisa para homem, mas podemos afirmar com certeza, que futebol também é coisa de mulher! E

ninguém irá duvidar disso, ao ver Marta jogando, ela que foi eleita duas vezes a melhor jogadora de futebol do mundo.



Fonte: [mulheresemmarcha.blogspot.com](http://mulheresemmarcha.blogspot.com)

Na página 140, o exercício solicita que os alunos relacionem imagens a frases, são 4 imagens, uma menina sorrindo, outra segurando uma flor nas mãos, um menino carregando uma mala pesada e outra menina brincando com uma boneca, as frases são as seguintes:

Marisa põe à rosa no vaso.

José pega uma mala pesada.

Laísa dá uma risada

Tereza alisa o cabelo da boneca.



Fonte: (BRAGANÇA, A.D; CARPANEDA, I. 2005, p.140).

Neste ingênuo e singelo texto, está implícito o enraizamento do preconceito com distinção entre comportamentos associados às meninas e aos meninos.

A ação de uma menina arrumando a flor no vaso, outra sorrindo ou acarinhando o cabelo da boneca, enquanto o menino tenta erguer uma mala pesada, por mais banal que pareça, com a imagem pode ser retratada as diferenças atribuída aos gêneros, aceitas e valorizadas socialmente.

Isto nos remete a Soares, 2009, p.6, ao citar Louro, 2001: “Os gêneros se fazem em relação, se constituem através das práticas sociais, levadas a cabo nas trocas cotidianas e banais”. Portanto, os gêneros são produzidos socialmente, através de diversos discursos, imagens, símbolos, convenções, regulamentos.

Ademais, a imagem de um jornal com seguinte reportagem “Goleada no Pacaembu!” é apresentada na página 143. Trata-se da foto de um homem atrás de uma bola. Aí temos mais uma vez a mensagem implícita, que o futebol é esporte para homens.

Outra situação é demonstrada na página 156. Trata-se de uma atividade que requer a leitura de bilhetes, existe a imagem de um quarto bagunçado e um bilhete, para que a criança leia:

“Marcelo:

- Fui à padaria. Arrume a sua cama e lave o seu sapato sujo de barro.

- Tá bom?

Mamãe”

Atividades como essa deixam a mensagem que ajudar nas tarefas de casa não são apenas deveres de meninas, e sim de ambos os sexos. Mas, também pode passar a idéia de que só os homens são bagunceiros e desorganizados.



Fonte: (BRAGANÇA, A.D; CARPANEDA, I.2005, p.156).

Sabemos que durante muito tempo a figura da mulher foi relacionada aos cuidados com a casa e os filhos, mas felizmente as coisas estão mudando, com a inserção feminina no mercado de trabalho, a responsabilidade das tarefas domésticas passou a ser de toda a família. Contudo, por mais que a situação tenha mudado, ainda existe o ranço do machismo, em que homens ficam jogados no sofá, pedindo tudo na mão como se fosse o rei da casa. Além de tudo, ainda saem por aí dizendo: “limpar a casa é coisa de mulherzinha”.

## Considerações Parciais

Através dessa pesquisa em fase de andamento destinada ao trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, compreendemos que são vários os mecanismos que produzem e reproduzem identidades, desigualdades e diferenças de gêneros, dentre eles está o livro didático. Também percebemos que mesmo diante das conquistas femininas na luta contra as desigualdades, ainda hoje, existem ranços de uma sociedade machista que de forma implícita impõe atribuições distintas aos gêneros. Isto ficou claro, ao analisarmos o livro didático adotado por uma escola pública municipal do estado Paraná. Com a apresentação de texto e imagens percebemos que este livro transmite uma ideologia que pode facilmente ser incorporada pelos alunos que estão em processo de construção de identidade.

Portanto, a escola tem o importante e desafiador compromisso de trabalhar na construção de um mundo mais humanizado, que sem dúvida começa pela desarticulação das relações de poder que envolve a sociedade. A mudança desse contexto relacional requer uma abordagem de conscientização junto não só a alunos, mas de toda a comunidade interna e externa das instituições, como também profissionais capacitados voltados a oferecer ensinamento de resistência a toda forma de preconceito.

## **Referências:**

BRAGANÇA, A.D; CARPANEDA, I. Porta Aberta: alfabetização. 2. Ed.- São Paulo: FTD, 2005.

SILVA, TOMAZ TADEU DA. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. Ed - Belo horizonte: Autêntica, 2007.

BUENO, C. O papel das representações sociais e da educação para o desenvolvimento da identidade de gênero. Revista brasileira crescimento desenvolvimento humano. São Paulo, v.16 n.3 dez. 2006.

FELIPE, JANE. Salto para o futuro: Educação para igualdade de gênero. Ano XVIII - Boletim 26-Novembro de 2008. Disponível em:< [www.tvbrasil.org.br/webtv/](http://www.tvbrasil.org.br/webtv/)>. Acesso em: 17/11/2011.

KISHIMOTO, T, M. Jogos Infantis: O jogo a criança e a educação. Petrópolis. RJ: Vozes, 1993.

KISHIMOTO, T, M; ONO, A, T.(2008). Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. Pro-Posições, 19(3). Recuperado em 10 de março. 2011, da ScieELO (Scientific Electronic library On Line). Disponível em:< [www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 22/03/2011.



**II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES**  
**Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares**  
**28, 29 e 30 de abril de 2011**  
**MARINGÁ - PR**



ISSN 2177-1111  
[www.sies.uem.br](http://www.sies.uem.br)

SOARES, G, E; Livro didático de ciências e a fabricação das identidades de gênero, sexualidade e etnia. In: Simpósio Internacional, III, Fórum Nacional de Educação, VI, 2009, Universidade Luterana do Paraná.